

Morre em SP o sertanista Orlando Villas Boas

Defensor da causa indígena, chegou a ser indicado nos anos 70 ao Nobel da Paz

Morreu às 14h27 de ontem, de falência múltipla dos órgãos, desencadeada por um processo agudo de infecção intestinal, o sertanista Orlando Villas Boas, de 88 anos. Ele estava na Unidade de Terapia Intensiva do Hospital Albert Einstein, em São Paulo, desde 14 de novembro. O corpo está sendo velado desde ontem à noite na Assembléia Legislati-

va e o enterro será hoje, às 14 horas, no Cemitério do Morumbi.

Último grande seguidor do marechal Cândido Rondon, seu maior legado à sociedade foi o ensinamento de que era bom conviver com os índios. O Parque Nacional Indígena do Xingu, sua obra máxima, é experiência admirada e elogiada em todo o mundo. Em mais de uma ocasião, na década de 70, seu nome foi indicado por personalidades e entidades internacionais para o Nobel da Paz.

Nascido em Santa Cruz do Rio Pardo (SP), em 12 de janeiro de 1914, Orlando passou parte da infância e da adolescência em fazendas da fronteira com Mato Grosso, onde teve os primeiros contatos com índios. Sua família se mudou para a capital em 1929, mas ele não se acostumou completamente à cidade. Quando os pais morreram, em um intervalo de seis meses, em 1941, voltou para o interior.

Por essa época, fascinado pelo que lera sobre Rondon, pro-

curava aventuras que pudessem levá-lo ainda mais para o interior. Foi quando soube que estavam arregimentando gente em São Paulo para a Expedição Roncador-Xingu. Incorporado ao projeto, com os irmãos Cláudio e Leonardo – que morreram em 1998 e 1961 –, atravessou a selva nos

anos 40 e 50, deixando no seu rastro uma trilha até Manaus, mais de três dezenas de cidades, aeroportos, pequenas vilas. Houve contatos com pelo menos 20 tribos e em 19 ocasiões os expedicionários foram atacados. Por orientação de Orlando e dos irmãos, tais ataques eram repelidos com ti-

ros para o alto. Também passou na vida por nada menos que 253 casos de malária.

Em 1973, ele decidiu voltar para São Paulo, onde viveu até a morte com a mulher e os dois filhos. Mas continuou a trabalhar pela causa indígena. Em 1979, sintetizou sua obsessão ao Estado com uma frase: "Precisamos salvar esta outra humanidade."

estadao.com.br

Veja mais sobre Orlando Villas Boas
www.estadao.com.br

De aventureiro simples a 'cacique branco' do Xingu

Desbravador fundou parque e ajudou a manter a cultura de dezenas de tribos

WASHINGTON NOVAES

Com a morte de Orlando Villas Boas, encerra-se um ciclo na história das relações entre índios e não-índios no Brasil. Os três irmãos Villas Boas – Orlando, Cláudio e Leonardo – jamais imaginariam nos primeiros anos da década de 1940 que, ao optar pela decisão de, com simples espírito de aventura, integrar-se a uma expedição de "desbravamento" do interior do País, acabariam por dar decisiva contribuição para mudar a imagem do índio brasileiro e suas relações com a "civilização". Mas foi assim.

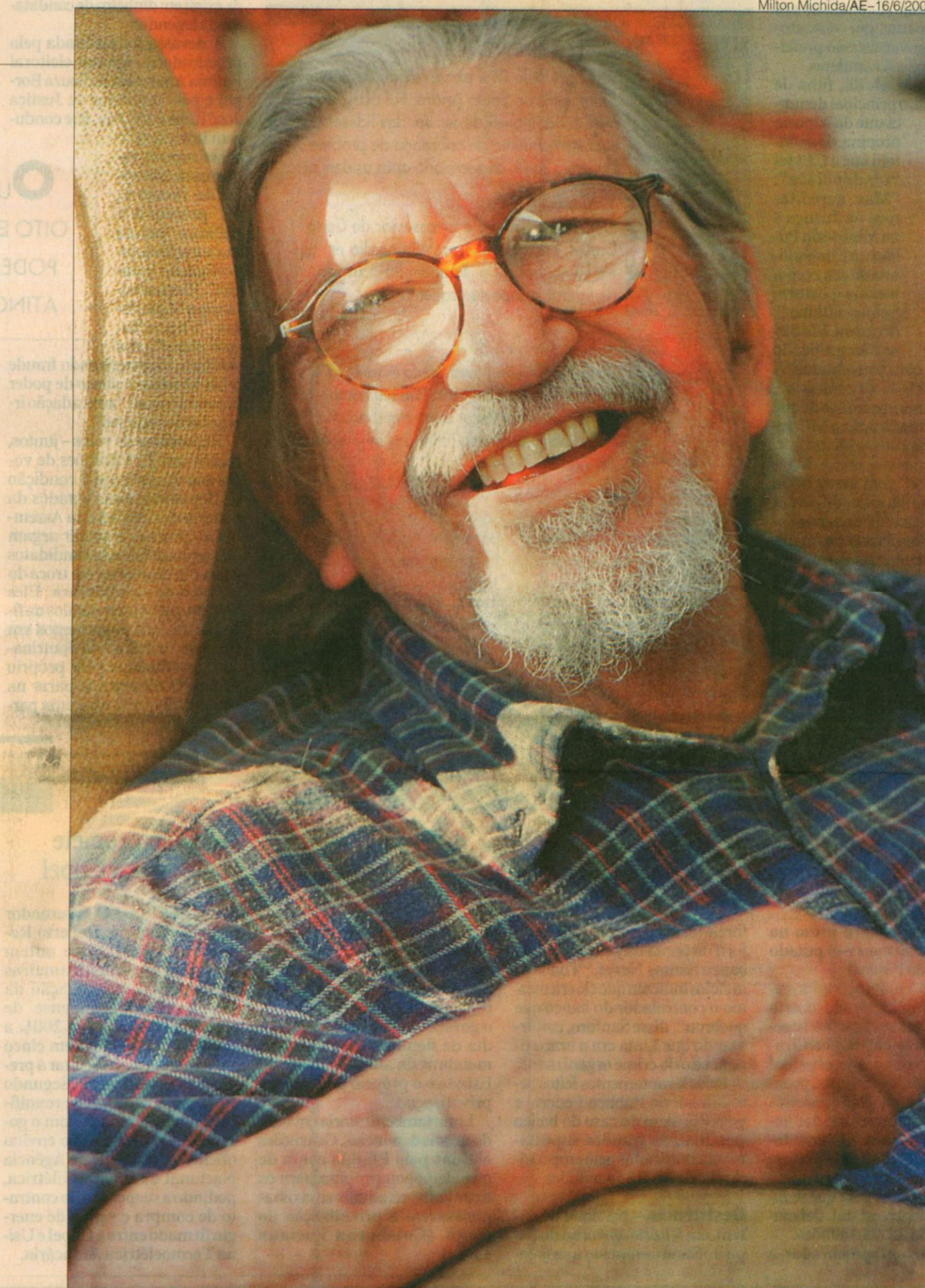
Eram outros tempos. O medo da guerra mundial, o temor de invasão do território brasileiro e as teses que pregavam a necessidade de "desenvolver" o interior do País, tudo isso levou à formação da Expedição Roncador-Xingu. E tudo o que hoje parece próximo, fácil, ao alcance de umas poucas horas de voo ou de um dia de estrada, na época era remoto, "bravio", inacessível – o caminho tinha de ser conquistado a remo na canoa ou derrubando o mato a golpes de machado e facão. As histórias inacreditáveis, às vezes hilariantes, em certos momentos trágicas, dessa epopeia estão descritas no diário de viagem que Orlando e Cláudio publicaram nos anos 90.

"Eu vivi 40 anos entre os índios e nunca vi um deles dar um tapa na cara de outro", contava Orlando. "Na nossa expedição, o peão com menos crimes de morte nas costas tinha oito. Mas nós é que fomos civilizar os índios."

Mas disso Orlando só tomara consciência mais tarde, depois de anos de uma rotina inacreditável, que começava antes de o dia nascer. Com uns goles de café (quando havia) e o desjejum de carne-de-sol e farinha no bucho, empreendiam uma caminhada de muitos quilômetros sob o sol inclemente do Centro-Oeste, até o ponto em que estava sendo aberta, com a força dos braços, mais uma pista de pouso.

No fim do dia, depois de oito a dez horas de trabalho pesado, havia a caminhada de volta ao acampamento – muitas vezes ainda com a necessidade de buscar nos rios ou na mata a "janta" da noite. E histórias, muitas histórias contadas na rede, antes de dormir, por aqueles ex-garimpeiros, ex-roceiros. Aventureiros.

Rondon – Os Villas Boas, a essa altura, já estavam impregnados do pensamento de outro grande desbravador, o marechal Rondon, que pregava a seus comandados, nos encontros com índios, que "matar, nunca; morrer, se for preciso". Com esse pensamento levado à prática é que atravessaram o território dos xavantes, ainda não "pacificados", e chegaram ao que seria hoje o Alto Xingu. Não sem passar, com alta fre-

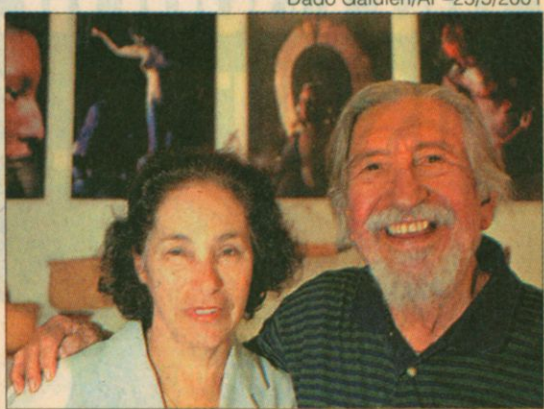


Villas Boas dizia nunca ter visto um índio "dar um tapa na cara de outro": "Precisamos salvar esta outra humanidade"

Ed Ferreira/AE – 26/7/1998



Orlando e a mulher Marina (ao lado): segundo ele, os brancos poderiam aprender muito sobre convivência apenas observando os índios



quência, por riscos de vida. Fascinados pelo que encontraram, lá permaneceram. E no governo Jânio Quadros, em 1961 (mesmo ano da morte de Leonardo), conseguiram a criação do Parque Indígena do Xingu, onde ainda ficam por duas décadas, em um trabalho admirável, de que deram testemunhos jornalistas do porte de Antônio

Callado, Hideo Onaga, E. Pagote, Audálio Dantas – entre muitos outros –, cientistas sociais como Darcy Ribeiro e artistas como Aldemir Martins. Com o tempo e as mudan-



Reprodução



Ele viveu 40 anos entre sertanejos e índios e chegava a trabalhar de oito a dez horas por dia, sob sol inclemente, abrindo "no braço" pistas de pouso

ças de visão sobre os índios, os Villas Boas sofreram muitas críticas. A primeira é a de que abriram caminho à destruição de culturas indígenas e à transferência semiforçada de mui-

tos grupos de outras áreas para o Xingu. A segunda afirma que o Parque do Xingu, que dirigiram, foi transformado pelos governos militares em "vitrine" de um respeito e uma relação com os índios que não havia em outras áreas.

Cabe argumentar que a ocupação do Brasil Central aconteceria com ou sem a participação dos Villas Boas. E a criação do Parque do Xingu permitiu a preservação de mais de 15 grupos, que, sem ele, poderiam ter desaparecido. O autor destas linhas testemunhou, em vários desses grupos, a quase veneração dos índios pelos velhos chefes que aconselharam sua gente a transferir-se. E pelos Villas Boas. Quanto à "vitrine", a crítica deveria ter sido não a sua existência, mas ao fato de ser exceção, e não regra. De qualquer forma, no seu tempo, ninguém fez melhor que os Villas Boas.

Problemas atuais – Hoje é diferente, claro. Luta-se pela demarcação das terras indígenas em sua integridade (no que resta). Mas uma grande parte delas continua à espera dessa demarcação, frequentemente enfrentando oposição feroz, organizada e sem escrúpulos como a que acontece em Raposa-Serra do Sol (Roraima), para ficar em um só exemplo.

Mesmo quando as áreas são demarcadas, transformam-se em ilhas cercadas pelo avanço da agropecuária e da mineração, que as cobriam. Em lugar de preservar sua admirável cultura – da não-delegação do poder, da auto-suficiência de cada indivíduo, da informação aberta para todos –, os índios têm de aprender nossas tecnologias e todos os seus penduricalhos, modificar-se, para sobreviver. Quando não têm de suicidar-se por falta de espaço vital, como os guarani-kaiowá.

No século 17, um papa teve de baixar uma bula e dizer que índio tem alma, para tirar a justificação aos que os matavam – por não quererem submeter-se a trabalho escravo. Talvez o conteúdo da bula ainda não fora assimilado quando os Villas Boas se embrenharam pelo centro do Brasil. Orlando e seus irmãos com certeza tiveram um papel decisivo para mudar a imagem do índio e ajudá-lo a ganhar o respeito que as leis lhe asseguram.

Kuarup – No próximo ano, Takumã, Narru ou qualquer outro grande chefe do Xingu, remanescente do tempo deles, certamente liderará um kuarup, a cerimônia em que os índios do Alto Xingu homenageiam pela última vez e se despedem do espírito de um morto ilustre, cujo nome não mais se pronunciará.

Ninguém se surpreenda se, no fim da noite incomparável do Xingu, o dia ameaçando raiar, depois de os pajés apagarem as fogueiras e sepultarem suas cinzas, tiver a impressão de haver visto algo se desprendendo do tronco que encarnou, durante toda a noite, o morto homenageado. Será o espírito de Orlando, voando em direção à aldeia dos ancestrais – onde estaremos todos, um dia –, para encontrar-se com Cláudio, Leonardo e seus amigos índios. Que o recebam, emocionados.

■ Washington Novaes é jornalista